

Resumo: As atividades pastorais da Igreja nasceram do desenvolvimento da obra missionária nos mais variados ambientes e principalmente nos lugares de maior difusão do cristianismo no mundo de então. A motivação para desenvolver essas atividades foi, inicialmente, de cunho assistencial, visando à sustentação econômica da população carente. Implantou-se, a seguir, a catequese dos catecúmenos, cujo ingresso na Igreja incrementou sensivelmente a afluência de fiéis, e ajudou a expandir a obra da evangelização. Porém, a inspiração fundamental da expansão do cristianismo se originou da espiritualidade bíblica que despertou a solidariedade, e o protagonismo em vista de uma civilização que promova a universalidade da fé cristã no mundo inteiro. A inovação da organização das coordenações regionais, diocesanas e das paróquias foi desenvolver a criatividade e participação de pessoas refletindo sobre os livros sapienciais da Bíblia, e desenvolvendo uma pedagogia para a inculturação dos temas da fé na mentalidade dos jovens e adultos. À luz do discernimento sobre as prioridades eclesiais e, com o respaldo da ação do Espírito, surgiram modelos pastorais, como o diaconato, que impulsionaram a obra da evangelização.

Abstract: The pastoral activities of the Church became diversified as soon as the apostles of Christ devoted themselves to a gigantic missionary task. They established the catechumenate and chose not only deacons but also catechists and the entire community of the faithful who should learn to cooperate actively, by the witness of their lives and the profession of their faith, in the spread of the gospel and in the upbuilding of the Church. A quite significant incentive the early Church gained from the outset by firsthand experience in contact with the Jewish believers who used to study the Wisdom Books in the diaspora. Their purpose was to get acquainted with the teaching of the Bible by assimilating a broad spectrum of biblical spirituality through study, debate, and appreciation of the religious experience exemplified by the principal characters whose words and attitudes are related to their functions as bearers of a message. As a result of the discernment of ecclesial priorities at that time and by the incentive of the Holy Spirit soteriological models were organized and thus actively contributed to the task of evangelization.

Roteiro de atividades pastorais na Bíblia: Livros Sapienciais do AT e Diáconos no NT

*Luís Stadelmann, SJ**

* O Autor é Professor de Cartas Paulinas e Salmos, no ITESC.



Introdução

Os livros sapienciais, no Antigo Testamento, distinguem-se tanto pelo cunho didático como pela abordagem de temas relevantes para a experiência espiritual e para a credibilidade da religião de Israel no mundo. Enquanto os livros históricos, proféticos, o Pentateuco e os Salmos se destinam à celebração litúrgica — na qual se evocam também eventos de tempos idos da história da salvação —, os livros sapienciais visam a instrução religiosa dos fiéis em ambiente extra-cultural, bem como fins didáticos e pastorais¹. O caráter tipicamente pedagógico desses livros aparece não apenas na exposição dos temas desenvolvidos, mas também no perfil religioso de pessoas empenhadas em orientar os irmãos na fé, na aprendizagem de sua *missão na vida*. São exemplos que nos ensinam a haurir dessa experiência da fé renovado vigor para assumirmos a nossa missão na vida cotidiana, como meio de colaboração no desígnio salvífico de Deus a respeito da humanidade. Embora a palavra “pastoral” seja de uso praticamente exclusivo da teologia católica², o conteúdo conceitual corresponde ao estilo de vida comprometida com a fé e com a espiritualidade da religião judaica, tal como foi amplamente usada no passado e continua em vigor nas sinagogas. A perspectiva pastoral, proporcionada pelos livros sapienciais à reflexão da comunidade de fé, corresponde ao objetivo primário para o qual o respectivo livro foi escrito. No rol dos livros sapienciais constam os seguintes: *Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Eclesiástico, Sabedoria, Rute, Tobias, Judite, Ester e Lamentações*³.

¹ Chamamos a atenção para o perfil dos protagonistas que exercem a liderança sobre as comunidades judaicas, mencionadas nos livros sapienciais. Com efeito, esses protagonistas são leigos engajados na promoção da coesão social dos judeus, como minoria de fiéis em meio a outras crenças.

² O termo “pastoral” se origina do latim “*pastoralis*” como é usado pelos autores clássicos da cultura latina e teve amplo emprego pelos escritores cristãos da literatura patrística, da Idade Média e Moderna, e foi inserido no vocabulário das línguas neolatinas e anglo saxônicas, exceto na literatura dos autores protestantes que preferem o substantivo “*poimenologia*”.

³ Devido a afinidades estilísticas e temáticas, alguns livros sapienciais foram associados aos livros proféticos, como p.ex. *Lamentações, Daniel, Jonas*, ao passo que outros foram ajuntados aos livros históricos, como p.ex. 1-2 *Macabeus*. Quanto ao livro do



Significado da Sabedoria

O significado da “sabedoria” é bem mais abrangente na Bíblia do que no contexto extra-bíblico. Isto levou muitos intérpretes a entenderem a sabedoria em termos meramente teóricos, como capacidade intelectual atribuída a todos os seres racionais. Seria uma faculdade cognoscitiva que capta e compreende conteúdos inteligíveis sem produzir novos dados de conhecimento. O estudo dos livros sapienciais tornou-se, então, uma abordagem de temas do humanismo israelita, fruto da intuição e irradiação da mente humana. Negligenciou-se a reflexão sobre os ensinamentos sapienciais da Bíblia apenas acessíveis pelo conhecimento *soteriológico*, pelo qual captamos a mensagem salvífica da revelação de Deus para a salvação da humanidade. Por outro lado, o conhecimento gnosiológico restringe-se à intuição humana, seguindo meramente as regras da epistemologia à luz da razão, excluindo qualquer iluminação divina que provoca no homem a obediência da fé.

As formas de expressão usadas na descrição da “sabedoria”, desenvolvida na Bíblia, são as seguintes:

- a) **Atributo de Deus**, na obra da criação do universo (Eclo 1,1-10). Sabedoria é também um dom concedido por Deus às criaturas. Essa sabedoria é dada aos seres humanos sob a condição de lhe corresponderem com o “temor de Deus” (Eclo 1,11-20), a saber, atitudes de adoração e reverência para com Deus (em oposição ao ateísmo) e integridade pessoal (em oposição à corrupção). Os autores bíblicos, chamados de “sábios”, utilizam o dom da sabedoria como *carisma*⁴ com a finalidade de comunicar uma mensagem divina de valor perene para toda a humanidade.
- b) **Personificação poética** (*hipóstase* poética), que visa ressaltar a mediação do sentido da revelação quanto ao desígnio salvífico de Deus com respeito à humanidade: como *profetisa* exortando

Eclesiástico (ou *Sirácida*) não foi preservado nas sinagogas o texto original em hebraico, mas estava em uso em Qumrân, e foi inserido entre os livros deutero-canônicos do AT em grego, a LXX.

4 O termo “carisma” designa um dos diversos dons do Espírito Santo conferidos gratuitamente a alguns dos fiéis da comunidade do AT e NT. Na comunidade cristã de Corinto encontramos uma lista de carismas mencionados pelo apóstolo Paulo que os define como dons do Espírito Santo para o bem da Igreja (1Cor 12,7).



os fiéis à conversão (Pr 1,20-53); como *pregadora* proclamando a doutrina divina (Pr 8,1-36); como *oficiante* na liturgia distribuindo os dons sagrados do altar (Pr 9,1-6); como *noiva* oferecendo uma vida de participação nos benefícios de Deus (Sb 8,2-16); como *mãe* educando os filhos (Eclo 24,18); como *mestra* ensinando a inculturação dos temas da fé na mentalidade dos alunos (Eclo 4,17-19) e instruindo todos os que buscam sabedoria (Eclo 14,20-27); como figura da *amada* despertando o amor do amado (Sb 8,2-16). Em termos de atualização para os dias de hoje, poderíamos comparar essas figuras com métodos pedagógicos usados no ensino de matérias desde o lar, na escola infantil, fundamental e média, inclusive no terceiro grau. O pressuposto geral é a necessidade do *ensino*, pois trata-se de conteúdos que a criança não adquire por convivência social nem por osmose, mas unicamente, pela educação. Além disso, não pode faltar o papel da comunidade de fé, cujos mestres têm a função de inculturar os princípios da fé na mentalidade dos jovens e adultos. Onde estiver ausente essa área pedagógica, deixa-se campo aberto à invasão de crenças espúrias, superstições, mitologias e folclore.

- c) **Conceito dinâmico** (*hipóstase* funcional): a função exercida pela “sabedoria” é representada com as mesmas características que os conceitos de “palavra” e “espírito”. Esses termos são empregados na Bíblia para referir-se à revelação divina. São conceitos dinâmicos devido à *função* específica que têm: a “palavra” de Deus, como ‘substantivo comum’ expressando o objeto da revelação; o “espírito” de Deus como virtude infusa operando em nossa alma e iluminando-a com a revelação; a “sabedoria” de Deus exprime a mediação do sentido da revelação a respeito da salvação da humanidade. São conceitos dinâmicos também porque expressam a *ação* de Deus que realiza o que significam. Cada um desses conceitos dinâmicos emprega-se de maneira predominante, mas não exclusiva, numa ou noutra parte da Bíblia. Assim, a “palavra” ocorre no Pentateuco, o “espírito” encontra-se nos livros proféticos e a “sabedoria” é desenvolvida nos livros sapienciais.



- d) **Sabedoria encarnada** é Jesus Cristo (*hipóstase* real), que manifesta a plenitude da revelação do desígnio salvífico de Deus e se concretiza na história da salvação: “Cristo é o poder e a sabedoria de Deus para os eleitos” (1Cor 1,24)⁵.

A apresentação da “sabedoria”, por meio de várias expressões figurativas, baseia-se no modo de pensar da Antiguidade, que expressa em metáforas o conteúdo conceitual que hoje costumamos exprimir abstratamente. Mas nos livros sapienciais há algo mais que essa peculiaridade literária, pois ali constam não somente textos descritivos da sabedoria divina, mas também reflexões sobre a ação que Deus realiza no mundo por meio de sua sabedoria, inspirando a atuação de pessoas engajadas na comunidade de fé. Nisso manifesta-se a intenção dos autores bíblicos de realçar a oposição entre a sabedoria e o destino cego, personificado pela *Moira* (μοιρα), uma divindade grega, a que os mitos atribuíam a função de determinar o destino do mundo e da vida humana⁶. Além disso, a inter-relação entre as pessoas da comunidade que, antes de engajar-se em determinadas obras de pastoral, fazem um discernimento na escolha das prioridades. Ora, esse discernimento é fator determinante na execução do compromisso social, porque ajuda a aplicar, na prática, a vitalidade e o dinamismo que brota da espiritualidade, isto é, dom de Deus e virtude da sabedoria⁷.

A definição da “sabedoria” como *mediação do sentido* classifica-a na categoria do *saber*. Distinguímos entre saber *teórico* e *prático*.

- a) Enquanto **saber teórico** chama a atenção a forma inteligível como os ensinamentos sapienciais sobre a revelação são apresentados. Com efeito, não há nada de esotérico ou misterioso no desígnio divino a respeito da humanidade, porque se origina da sabedoria de Deus, e é acessível à inteligência humana, ilu-

⁵ Cristo exerce o poder divino para realizar a salvação da humanidade, e a “sabedoria” divina encarnada nele consiste na obra de redenção que manifesta a sabedoria dos desígnios salvíficos (Sb 10; Rm 1,19). Com isso se acentua a iniciativa de Deus a respeito da atuação salvífica de Cristo sem determinismo, improvisação, ou interesses conjunturais que teriam influenciado a ação do Senhor durante a sua vida terrena.

⁶ As literaturas extra-bíblicas contêm farto material informativo sobre mitos antigos, em que o centro nevralgico da reflexão não era um destino divino a respeito do homem, mas a lei férrea dos ciclos cósmicos que o submetiam a um determinismo de ordem psicológica, moral e espiritual.

⁷ A diferença entre “dom” divino e “virtude” é a maneira diferente de atuar: os dons ajudam no deslanche de iniciativas, ao passo que a “virtude” impulsiona a atuação humana.



minada pela irradiação da sabedoria divina sobre a faculdade intelectual das pessoas. Além disso, a inteligibilidade desses ensinamentos tem por objetivo criar uma mentalidade universalista nos israelitas, levando-os a apreciar os valores do *ethos* dos outros povos e, estimulando os fiéis a se tornarem interlocutores com os grupos sociais de outras culturas⁸. No intercâmbio de valores humanos e espirituais abre-se o caminho que leva ao encontro com Deus, à oração, à ascese, à descoberta do sentido da vida. Ele é, antes de tudo, um “diálogo” entre Deus e o homem⁹, que se trava não em termos de especulação metafísica ou de intuições religiosas, mas de confiante aceitação de Deus e de seu desígnio de salvação. É importante notar o enfoque desse diálogo: nos Hinos do livro dos *Salmos* o enfoque é teocêntrico, ao passo que em *Jó* o enfoque é antropocêntrico. A propósito citamos o *Livro de Jó*, que desenvolve essa temática em forma dialogada entre o homem e Deus, refutando os argumentos de uma tese defendida pela religiosidade popular de que a saúde comprovaria o estado do indivíduo em situação de integridade moral, ao passo que a doença, manifestaria, em público, a pecha de pecador. Entretanto, *Jó* demonstra que não se trata de um problema moral, mas da dignidade humana que não se desgasta ou se desfigura pelo sofrimento, mas serve como um dos meios para aquilatar o estado de perfeição do indivíduo. A essência dessa perfeição consiste no amor a Deus e ao próximo,

⁸ Os paralelos entre os ensinamentos éticos e morais da literatura sapiencial bíblica e os da extra-bíblica foram estudados por G. von Rad, *Sabiduría en Israel*, [Trd. D. Mínguez Fernandez], Cristiandad, Madrid 1985; J. Vilchez Lindes, *Sabiduria*, Ed. Verbo Divino, Estella, 1990. Eles têm sua explicação na finalidade de criar uma mentalidade universalista entre os israelitas para evitar que adotem uma mentalidade exclusivista e sectária em face de outros povos; do contrário, esses não chegariam ao conhecimento do desígnio salvífico de Deus a respeito da humanidade.

⁹ Convém distinguir entre o “diálogo” com os valores culturais e religiosos dos diferentes povos e o “diálogo” do homem com Deus, no sentido de um colóquio brotando da alma que se eleva para Deus. A propósito, é de notar que a multiplicidade de nomes atribuídos a Deus na Bíblia não se deve ao confronto com diversos sistemas religiosos, mas à riqueza das várias tradições religiosas inseridas nos textos bíblicos. Entretanto, não é esse o caso que ocorre no *Livro de Jó*, porque este é um livro sapiencial e, como tal, faz parte da tradição sapiencial. Quanto à multiplicidade de nomes atribuídos a Deus, não há nisso indício de politeísmo, pois trata-se do mesmo Deus (monoteísmo), mas explica-se como alusão aos vários interlocutores em diálogo com Deus mencionados ao longo do livro (*Jó*, *Elifaz*, *Bildad*, *Sofar* e *Javé*). Quantos são os interlocutores, tantos são os nomes para designar a Deus em hebraico: *'el* (49 vezes), *'elôha* (36 vezes), *'elohim* (12 vezes), o Todo-poderoso: *šadday* (29 vezes) e Senhor: *Yaweh* (25 vezes).



tendo por objeto e motivo um dom sobrenatural que o homem não possui nem pode adquirir por si mesmo. Requer-se dele uma docilidade para com a divina Providência, rejeitando o desespero, a revolta, ou a resignação fatalista contra o desígnio de salvação, para tornar-se merecedor do dom salvífico de Deus¹⁰.

- b) Quanto ao *saber prático*, que os livros sapienciais visam proporcionar-nos, há dois enfoques principais: 1º, individual e, 2º, coletivo. No primeiro caso, trata-se da atividade de adquirir uma mentalidade à luz da sabedoria bíblica. No segundo caso, cada livro se estuda com a finalidade de promover um estilo de vida para outras pessoas. Tal enfoque corresponde ao objetivo primário com que os livros sapienciais foram escritos e cuja temática tem utilidade para o uso extra-cultural a que foram destinados. Portanto, quem interpretar esses livros à luz das experiências pastorais da comunidade de fé, ganhará uma compreensão mais profunda do seu conteúdo temático e, ao mesmo tempo, fornecerá o fundamento bíblico para as diversas atividades pastorais.
- c) A respeito do *carisma* da sabedoria, é importante notar que é de grande ajuda no discernimento do tipo de uma espiritualidade operante. Igualmente, na opção pelo engajamento na obra de pastoral, é bom lembrar que se trata do dom que brota do atributo de Deus e é concedido à comunidade de fé. Esse dom é um requisito imprescindível na avaliação dos impulsos e das motivações que induzem determinadas opções. A complexidade das situações em que uma atividade pastoral será implantada pode facilmente confundir as várias opções, devido ao peso do argumento ou do pendor da pessoa que exerce a liderança. Daí que a comunidade de fé tem que ser consultada, e as moções do Espírito precisam ser levadas em consideração, já que o discernimento pode não estar isento de influências espúrias, pois facilmente os interesses de autopromoção de indivíduos ou grupos dominantes procuram sobrepor-se ao processo seletivo

¹⁰ Evidentemente, seria errôneo supor que o *Livro de Jó* se restringisse a uma discussão sobre um problema humano passando a uma reflexão posterior que se sublima em Deus. Pois, sendo um livro bíblico, trata-se da revelação divina que não é um “discurso do homem” sobre Deus, mas uma “palavra de Deus” dirigida ao homem. É importante distinguir entre o conhecimento gnosiológico e o conhecimento soteriológico que se caracteriza pelo enfoque na mensagem de salvação e no mundo sobrenatural.



do objetivo pastoral. Diante das tensões e ambigüidades, será proveitoso criar um clima de abertura e docilidade às moções do Espírito fazendo uma leitura de um dos livros sapienciais mais apropriados para criar uma sintonia com a palavra de Deus¹¹.

Livros sapienciais e a Pastoral

As perspectivas pastorais, que os livros sapienciais oferecem à reflexão da comunidade de fé, correspondem ao objetivo primário para o qual cada livro foi escrito. Dada a diversidade de setores e de ambientes da pastoral, em que se empenham grupos de fiéis que se aprofundam comunitariamente na espiritualidade bíblica, não se pode encarecer demais a importância do estudo destes sagrados livros. O objetivo é fazer com que os esforços humanos se inspirem na mensagem de sua espiritualidade e possam dar frutos de salvação, pois a vivência e o testemunho dessa mensagem são fruto do Espírito, que continua suscitando uma resposta convicta para o engajamento pessoal nas tarefas eclesiais.

<i>Jó</i> ⇔	pastoral dos enfermos
<i>Provérbios</i> ⇔	pastoral da família
<i>Eclesiastes</i> ⇔	pastoral dos universitários
<i>Cântico dos Cânticos</i> ⇔	pastoral da coesão do Povo de Deus
<i>Eclesiástico</i> ⇔	pastoral da formação religiosa dos adultos
<i>Sabedoria</i> ⇔	pastoral da formação religiosa dos jovens
<i>Rute</i> ⇔	pastoral dos refugiados
<i>Tobias</i> ⇔	pastoral dos noivos
<i>Judite</i> ⇔	pastoral dos fiéis em ambiente hostil
<i>Ester</i> ⇔	pastoral da liturgia da festa judaica de <i>Purim</i>
<i>Lamentações</i> ⇔	pastoral da liturgia em memória da destruição de Jerusalém

Difusão dos valores religiosos é tarefa prioritária da pastoral

Já que os livros sapienciais dêutero-canônicos não eram lidos na Palestina, mas na diáspora, isto é, nas comunidades judaicas fora da Pa-

¹¹ A leitura de qualquer um dos livros sapienciais será mais proveitosa, se for consultado também um comentário que explique a relevância dos temas e forneça idéias sugestivas para sua aplicação na prática.



lestina, devemos concluir que se destinam ao *aprofundamento* dos temas da revelação divina e à busca de *solução* dos problemas que desafiavam os fiéis na sociedade politeísta de então. Pois na diáspora é que os fiéis eram uma minoria religiosa em sério perigo de serem absorvidos por uma maioria de outras crenças. Surgiu daí uma nova forma de incentivar a fidelidade à fé através da atividade pastoral, visando um diálogo proveitoso com os que procuram a Deus e mostrando-lhes a pedagogia de Deus, que vai ao encontro do homem. Seu objetivo é tornar acessíveis a todos os grupos sociais os frutos da salvação divina através do empenho para elevar as almas a horizontes nos quais é possível descortinar-lhes sua destinação sobrenatural e abri-las para o dom da graça e da vocação divina.

Livros Sapienciais

A perspectiva pastoral, que cada um dos livros sapienciais¹² oferece à reflexão da comunidade de fé, corresponde ao objetivo da vivência da fé no respectivo ambiente. Dada a diversidade de setores e de ambientes, nos quais se empenham grupos de fiéis, que se aprofundam comunitariamente na experiência da fé, não se pode encarecer demais a importância do estudo destes sagrados livros para que os esforços humanos se inspirem na mensagem de *espiritualidade* e possam dar frutos de salvação. Pois a vivência e o testemunho de fé da tradição bíblica são fruto do Espírito, que continua suscitando uma resposta convicta para o engajamento pessoal nas tarefas eclesiais¹³.

A dimensão experiencial e comunitária da espiritualidade que mais se beneficiou é a atividade pastoral dos grupos de fiéis. Pois o resultado da leitura desses livros não é “aprender fazendo”, mas “aprender ensinando”. Os autores sapienciais redigiram obras de valor inestimável sobre uma espiritualidade operante que assume o compromisso social decorrente do amor fraterno.

¹² Devido a afinidades estilísticas e temáticas, alguns livros sapienciais foram associados aos livros proféticos, como p.ex. *Lamentações*, *Daniel*, *Jonas*, ou aos livros históricos, como p.ex. *1-2 Macabeus*.

¹³ A explicação da ausência de uma literatura sapiencial no NT se deve ao fato de a ação do Espírito ter sido operante no período do AT e que a pastoral da comunidade soteriológica do AT corresponde à da comunidade cristológica do NT, que tem a assessoria do Cristo Ressuscitado. Em termos concretos, significa que a ação de Cristo não é uma recordação de um evento do passado, mas é a atualização de sua intervenção atual através dos sacramentos e da pastoral eclesial.



a) *Livro de Jó*

O *Livro de Jó* trata da “pastoral dos enfermos”, e está imbuído da espiritualidade de solidariedade entre os fiéis e os enfermos. É uma espiritualidade que nos leva até Deus através dos questionamentos existenciais do valor da vida de um enfermo ou deficiente físico, e faz do encontro com Deus, na oração confiante, uma contribuição de valor inestimável, pelo acréscimo da dor pessoal à prece a Deus como Salvador, adquirindo, assim, uma dimensão salvífica, que no NT se explicita pela união com Cristo o Redentor, na comunidade dos fiéis. É significativo também o fato de que a exposição da miséria humana, como apelo eloquente da criatura diante do Criador, não brote dos lábios de um profeta ou levita no culto, mas de um leigo, pois os queixumes angustiantes do próprio sofrimento expressam a opção pela confiança em Deus contra o desespero, a revolta ou a resignação fatalista¹⁴. Além disso, a figura de *Jó* não tem igual em toda a Bíblia, pois ele representa um israelita que fora da pátria, a Terra Prometida, e longe do Templo, em Jerusalém, continua fiel em sua vivência da fé nos lugares mais inóspitos (o monturo do lixão da cidade) onde se pensava, até então, que Deus não se importasse com os excluídos da sociedade¹⁵.

b) *Livro dos Provérbios*

O *Livro dos Provérbios* é uma coletânea de máximas destinadas, diríamos, à “pastoral da família”. Sendo a família a célula mãe da sociedade, as atitudes dos pais e dos filhos têm uma repercussão no convívio humano, não só no lar, mas também em público. A composição poética dessas máximas é proposital, pois era costume, na cultura semita, expressar em poesia os dados importantes da existência humana. Tinham também finalidade didática para fins de memorização e aprendizagem dos educandos. Outrossim, era preciso comprovar a validade dos provérbios através do ensino na escola e da assimilação no lar, com a ajuda dos pais. Quanto ao teor desses provérbios, à primeira vista parecem

¹⁴ Convém distinguir entre a virtude de resignação por motivo religioso e a atitude de resignação fatalista. Esta implica uma inércia espiritual, acompanhada de um comportamento de esquivas e de fuga, eximindo-se de todo e qualquer esforço para iniciar projetos. Em vez de responder positivamente aos desafios para buscar saídas de situações sofridas, o indivíduo cai no conformismo e alega, como subterfúgio, que sua atitude é de entrega total à vontade de Deus.

¹⁵ L. STADELMANN, *Itinerário espiritual de Jó, tradução e comentário do Livro de Jó*, Ed. Loyola, São Paulo, 1997. Este livro destina-se à reflexão sobre as atividades da Pastoral dos Enfermos.



ser uma variada mescla de assuntos, mas na verdade são coletâneas de sentenças poéticas que inculcam instruções referentes a duas áreas da vivência humana: na comunidade de fé e na comunidade ética. Isso, à luz de uma espiritualidade que valoriza essa vivência da fé. Na exposição dos temas evita-se o tom erudito e moralizante, priorizando, sobretudo, os ensinamentos que orientam para a dimensão do transcendente, por inspiração do Espírito.

c) *Livro do Eclesiastes*

O *Livro do Eclesiastes* mergulha fundo no sentido da vida visando, em termos de hoje, a “pastoral dos universitários”. O enfoque da temática, a estrutura literária e a perspectiva teológica, são elementos determinantes para situar este livro bíblico no contexto das antigas instituições de ensino superior. O livro inteiro tem um único tópico, a saber: a questão do que seja a felicidade humana e quais seriam os meios de conseguí-la¹⁶. Esse tópico é desenvolvido segundo as quatro partes da oratória clássica: “apresentação” (*propositio*) [1,3-3,22]; “explicação” (*explicatio*) [4,1-6,9]; “defesa” (*refutatio*) [6,10-8,17]; “aplicação” (*applicatio*) [9,1-12,7]. A perspectiva teológica é explicitada pelos dados da experiência humana e da revelação divina, referindo-se à felicidade que não pode ser encontrada sem Deus (2,24-26). Com base nessa perspectiva, o autor bíblico leva em conta os temas relevantes ao tempo (3,1-9)¹⁷, Deus e eternidade (3,10-15), e a vida humana diante da morte (3,16-22), só para citar alguns. Um olhar mais atento descobre aí uma espiritualidade como opção fundamental e num horizonte significativo da existência, porque nela aflora o valor da liberdade em sua tríplice relação: a relação do homem com o mundo material e científico (ciências naturais), a relação com a convivência humana (antropologia e sociologia), e a relação com Deus (teologia).

¹⁶ Cf. Ludger Schwienhorst-Schönberger, *Kohélet*, (Tradução e Comentário), Freiburg-Basel-Wien, Herder, 2004, 572 p. Este comentário é uma obra fundamental da exegese bíblica porque aborda o *Livro de Coélet* numa visão de conjunto em todas as suas partes, sem apelar para estruturas literárias baseadas em conjeturas.

¹⁷ O tema sobre o “tempo” é abordado por São Tomás de Aquino na *Suma Teológica* sob o ponto de vista das “Vicissitudes do presente” (S.T. 2^a2^a, q.55,a.7), respondendo à pergunta: “Se devemos ser solícitos pelo futuro”. A resposta é formulada em termos de um silogismo: É dever de cada indivíduo desempenhar tarefas inadiáveis. Ora, não há outra chance para desempenhar a tarefa que não foi realizada no devido tempo. Lição: o dom da Sabedoria ajuda a acertar com o tempo apropriado para realizar o dever.



d) *Cântico dos Cânticos*

O *Cântico dos Cânticos* aborda, em linguagem simbólica, a coesão social do Povo de Deus. *Tema central*: à luz da análise do livro entramos em contato com as aspirações nacionalistas e a esperança na restauração do Estado judaico, que o retorno dos judeus exilados, da Babilônia, reavivou entre os habitantes de Judá. Porém, não são esses os fatores decisivos que levaram o autor a escrever o *Cântico*, mas sim o vivo interesse na restauração do Povo de Deus. Tratava-se de reconstruir a comunidade de fé do Povo Eleito, preservando-o da divisão em grupos antagônicos, evitando-se assim a fragmentação em seitas. Para conseguir isso, era preciso reconstituir o tecido social, incorporando-se judeus abastados vindos da Babilônia¹⁸, e desafortunados da Palestina, marginalizados e privilegiados, numa sociedade solidária que cultivava as mesmas tradições históricas e religiosas da fé javista.

Entretanto, a estrutura comunitária era insuficiente. Era necessário um princípio orientador. Por isso os habitantes de Judá ansiavam pela restauração da monarquia, cujo representante era o Salomão do *Cântico*¹⁹. A colaboração na promoção do bem comum entre a monarquia e a população (representada pela Sulamita) é descrita em termos de associação e “amor” entre Salomão e a Sulamita.

Sentido do amor: O autor formulou o tema do “amor”, não na linguagem poética de um romantismo intimista, mas na terminologia jurídica dos tratados políticos da Antiguidade. Uma dessas palavras é “amor”, usado como sinônimo de aliança social e política entre Estados, reis e grupos sociais, quando formalizada por acordo escrito²⁰. Por conseguinte, as expressões de amor da Sulamita por Salomão designam a aliança política entre o rei e o povo. Os gestos de apreço mútuo — beijos, abraços, recepção em casa, refeições em comum — têm significado de

¹⁸ No *Livro de Esdras* consta o inventário dos bens que os judeus repatriados trouxeram da Babilônia: 30 taças de ouro, 1029 taças de prata, 30 cálices de ouro, 410 cálices de prata, 1000 objetos diversos de grande preciosidade, sendo o total 5400 objetos de ouro e prata (Esd 1,9-11). O motivo de mencionar os bens materiais é eliminar o argumento da situação de mendicância dos exilados em busca da cidadania na Terra Prometida, para realçar o valor do legado da fé israelita que será mantida pelos filhos da Aliança.

¹⁹ As promessas de restauração do Povo Eleito estão vinculadas à casa davídica e exprimem a esperança de um novo reino, como o de Davi (Ez 37,15-28).

²⁰ W.L. Moran, “The Ancient Near Eastern Background of the Love of God in Deuteronomy,” *CBQ* 25 (1963) 77-87.



ritos simbólicos da aliança, como manifestação não-verbal da pertença mútua²¹.

O conteúdo temático é meticolosamente desenvolvido, em todos os seus aspectos, para instruir os iniciados no plano de ação, cuja implementação fica condicionada à conjugação da participação dos líderes e da racionalização eficiente, em meio às vicissitudes conjunturais da história de Israel na época persa.

Coesão social: O comentário sobre o *Cântico dos Cânticos*, ao analisar o texto, na perspectiva da coesão de grupos sociais, na monarquia a ser restaurada na Judéia, procura investigar os desafios que indivíduos e culturas devem enfrentar para formar sua identidade social. Identidade que só alcançarão quando conseguirem transcender suas particularidades, forjar uma nova coesão, e chegar a uma percepção mais clara e precisa do plano divino, a respeito da comunhão de todas as pessoas no Reino de Deus. O leitor que entra em sintonia com o autor, que é uma voz imortal das mais empolgantes que já exaltaram a *coesão social*, vai sentir empatia com um poeta “engajado” na reflexão sobre a coesão entre os grupos que integram a comunidade de fé. A mensagem espiritual desse livro é a necessidade primordial de cada comunidade de fé para encontrar-se, no contexto das relações sociais, abrangendo todos os grupos humanos sem exclusivismos e antagonismos.

e) *Livro do Eclesiástico (ou Sirácida)*

O *Livro do Eclesiástico* fornece subsídios para a “formação religiosa dos adultos”. Trata-se de inculcar os princípios da religião bíblica, cuja vitalidade brota da ação do Espírito. Sua presença atuante é acessível à nossa inteligência, iluminada pela luz de Deus que a “sabedoria” divina projeta sobre a faculdade intelectual e volitiva dos seres humanos. A característica marcante da espiritualidade desse livro é a persistência das dimensões personalista, experiencial, histórica, libertadora e comu-

²¹ A interpretação do “amor” como sentimento de afeição entre namorados está baseada na hipótese de tratar-se no *Cântico dos Cânticos* de meros poemas de amor como alegoria de um amor idealizado. Daí que os Livros Sapienciais seriam de fato textos de reflexão para as atividades pastorais, atribuindo-se, porém, ao livro do *Cântico dos Cânticos* o papel de inspiração para os participantes do “Curso de Noivos”. Nesta hipótese não se interpreta o *Livro de Tobias* como roteiro para o “Curso de Noivos”. Na verdade, na interpretação do *Cântico dos Cânticos* se confrontam duas opções do comentarista: ou o romantismo entre namorados ou a coesão social dos grupos de fiéis do Povo Eleito.



nitária. Outrossim, a insistência nas estruturas religiosas, de instituição divina, em vigor na comunidade dos fiéis, visa contrastar a prática da fé, sem religião, ou a substituição das instituições por movimentos de religiosidade, agregando grupos humanos de temperamentos afins, e de preferências semelhantes. É de notar-se também a busca de respaldo da espiritualidade bíblica nas tradições autênticas do AT, cuja continuidade se encontra na História da Salvação.

f) *Livro da Sabedoria*

O *Livro da Sabedoria* aprofunda a “formação religiosa dos jovens”. A finalidade do livro é desenvolver o conceito de “sabedoria”. É um objetivo muito abrangente que implica desenvolver seu conteúdo conceitual, explicando a “sabedoria” como mediação do sentido da revelação divina, quanto ao desígnio salvífico de Deus, com respeito à humanidade. O livro dá pistas seguras para descobrir a felicidade humana em sua relação com a salvação que se realiza na vida pessoal e comunitária, como dom gratuito de Deus que, por caminhos imprevisíveis, guia as vicissitudes históricas para metas eternas. A incumbência da espiritualidade consiste em perscrutar a experiência sapiencial do Povo Eleito ao longo da história, para captar sua mensagem espiritual, consolidando a fé dos fiéis.

g) *Livro de Rute*

O *Livro de Rute* tem como tema a “pastoral dos refugiados”. Trata-se de uma atividade pastoral que prioriza o atendimento sócio-religioso dos fiéis de comunidades da fé javista, mas acolhe também pessoas de convicções religiosas e práticas tradicionais adquiridas em outros países²². Destarte, a “pastoral de refugiados” não se identifica com a obra de assistência social aos migrantes, mas se dedica à atividade de integração sócio-religiosa de novos membros na comunidade de fé, sem discriminação racial, religiosa ou econômica. Compete aos agentes de pastoral levar os migrantes a abraçar a fé de Israel e adotar os costumes israelitas.

h) *Livro de Judite*

O *Livro de Judite* ilustra a “pastoral dos fiéis em ambiente hostil”. O autor bíblico uso o gênero literário da novela histórica para dramatizar

²² Cf. Mark S. Smith, “Your People shall be my People”: Family and Covenant in Ruth 1:16-17, em *The Catholic Biblical Quarterly*, Vol. 69, No. 2, April 2007, 242-258.



o princípio da espiritualidade: a fidelidade do justo é submetida à provação (Eclo 2,1). Quem personifica o povo judaico é Judite (em hebr.: *y^ehúdît*, “a judia”), como figura representativa desse povo. Não se trata de exaltar o movimento feminista para contrabalançar os protagonistas masculinos na Bíblia, mas quer-se ressaltar a iniciativa heroica de uma dona de casa, viúva, num momento crítico de sobrevivência do povo. É notável o tipo de espiritualidade libertadora que aí transparece, mediante o emprego dos meios mais eficazes para alcançar seu objetivo com a ajuda de Deus.

i) *Livro de Ester*

O *Livro de Ester* valoriza a instituição da festa de “Purim”, celebrada em época tardia da história de Israel para a comemoração da libertação dos judeus da Pérsia. É de notar-se o apreço da comunidade pela iniciativa de um grupo de leigos da diáspora, onde recebem apoio os militantes da comunidade de fé, não por serem fanáticos em defesa dos próprios interesses, mas para garantir a sobrevivência dos fiéis que participam da obra de salvação divina em prol de Povo Eleito. O tema em pauta é a intervenção de JAVÉ na história, como Autor da *Aliança* sagrada com o Povo Eleito, atuando em seu favor. Em relação à espiritualidade bíblica, tem ressonância na alma dos fiéis o espírito festivo de todos ao celebrarem a intervenção salvadora de Deus, que atualiza no presente a salvação do seu povo.

j) *Livro de Tobias*

O *Livro de Tobias* oferece subsídios para o aprofundamento dos temas em pauta no “Curso de Noivos” daquele tempo. Os personagens têm o papel de dramatizar um ensinamento vital para os noivos e suas famílias. A figura do anjo Rafael personifica a providência divina exercendo o patrocínio sobre duas famílias judaicas, cujos dias transcorriam felizes e tristes, em meio às mais diversas circunstâncias de alegria e dor, ventura e desventura. O que se visa mostrar ao jovem Tobias não é propriamente a solicitude de Deus para com seus fiéis em aflição, mas a maneira de percebê-la em meio às provações, valendo-se do que parece ser uma sucessão de casualidades em função de um desígnio pré-estabelecido, de um segredo que só no fim será revelado. A resposta celeste a Tobit e Sara (3,16-17) por uma parte, a revelação de Rafael (12,11-15) por outra, constituem os dois polos da narrativa. Temas especiais do “Curso de Noivos” são a atração mútua entre os namorados, e o amor de um pelo outro, os meios de sustento da nova família, o lugar de moradia, informação sobre doenças hereditárias, os laços de parentesco



entre famílias, a prática da religião em família, obras de caridade pelos necessitados. A espiritualidade que aí aparece é do tipo participativo, tal como é vivido pelos pais idosos e almejado pelo jovem casal.

k) *Livro de Jonas*

Entre os temas da espiritualidade encontramos também o da conversão contínua. Não somente para purificar-se do estado pecaminoso, mas também para progredir na via de ascese. É esse o objetivo da “pastoral de conversão” no *Livro de Jonas*, que previne contra o desvirtuamento do progresso espiritual por causa de ressentimento, amargura, mágoa e ódio, alojados no coração humano. Na tradição popular de Israel se procurava justificar o sentimento de vingança ao evocar a perseguição aos judeus pelos assírios, o povo mais belicoso da história, por ter dizimado o Povo Eleito, eliminando dez das doze tribos israelitas, por ocasião da conquista do Reino do Norte de Israel, em 722 a.C. Mas esse ódio não se justificava de forma alguma, embora os judeus procurassem projetar o sentimento de vingança para JAVÉ, prestes a exterminar a população da cidade de Nínive. Ao contrário, foi Ele que manifestou sua misericórdia, ao enviar o profeta Jonas para pregar a conversão dos habitantes daquela cidade²³.

l) *Livro das Lamentações*

Após a destruição de Jerusalém (em 587 a.C.), os líderes religiosos instituíram o dia de luto nacional e de jejum, no quarto mês, em memória da queda de Jerusalém; no quinto mês, em memória do incêndio do Templo; no sétimo mês, em memória do assassinato do governador Godolias (Jr 41,1-2); no décimo mês, em memória da extinção do Estado de Judá (Zc 8,19), por ordem de Nebuzardan, comandante do exército babilônio e ministro de Nabucodonosor, rei da Babilônia (2Rs 25,8-9). Quanto às práticas do rito penitencial, elas foram iniciadas em 586 a.C., e continuaram em vigor durante setenta anos (até 515 a.C.). No livro do profeta Zacarias se menciona o fato de que essas práticas não foram instituídas por ordem divina (Zc 7,5) e, portanto, são da iniciativa do grupo dirigente de Judá. Foram suspensas com a reconstrução do Templo de Jerusalém e sua inauguração em 515 a.C. (Esd 6,16).

²³ O *Livro de Jonas* representa o caso único de um profeta de Israel enviado aos pagãos. O objetivo do livro é ensinar a necessidade da conversão moral de quem quer que seja como pré-requisito do progresso espiritual, cuja validade se estende aos seguidores de qualquer religião.



Roteiro de atividades para diáconos no NT

No livro dos *Atos dos Apóstolos* encontramos um roteiro bíblico de atividades para diáconos. No início do cristianismo foram instituídos diáconos para o engajamento na obra assistencial da Igreja (At 6,1-6). Porém, a julgar pelo crescimento do número de fiéis, além de toda a expectativa, os diáconos associaram a pastoral social com a proclamação do kerigma (At 6,8-10). Além das prioridades assistenciais, os diáconos se dedicaram efetivamente à pregação da fé cristã, como, p.ex., Estevão (At 6,8-7,60) e Filipe (At 8,5.26-40). Esse mesmo diácono exercia o múnus de “evangelista” (At 21,8) pregando, de viva voz, na Samaria, como também, nas regiões ao longo da costa mediterrânea da Palestina, tornando-se conhecido como profeta e milagreiro (At 8,12-13). O *carisma* profético de Filipe teve repercussão também na própria família, pois suas quatro filhas tornaram-se “profetisas” e “virgens”, isto é, ‘célibes’ assim como veio a ser usada essa expressão típica daquele tempo para designar um múnus eclesial exercido por auxiliares de tempo integral (At 21,9).

A atuação dos diáconos no início do cristianismo esteve associada ao crescimento rápido do número de seus fiéis, em tão breve tempo, apesar de suas origens sociais modestas, pois não há proporção entre o mínimo de condições no começo, e o máximo de resultado, no prazo de tão breve tempo. O fator determinante dessa pujança espantosa era a vitalidade do dom divino da fé e o dinamismo da ação de Cristo Ressuscitado e da ação do Espírito Santo. Esse dinamismo está inerente no sacramento da ordenação para o diaconato, e na eficácia da graça sacramental, atualizada no ministério diaconal. Ora, o fator do crescimento da Igreja não se esgota na sua expansão, mas visa a construção do Reino de Deus mediante a obra evangelizadora dos apóstolos e diáconos.

A metáfora do crescimento se inspira na “semente de mostarda” (Mc 4,30-32) para mostrar as condições sociais modestas do fundador do cristianismo, na sua origem, e a evolução grandiosa, na idade adulta. Como paradigma, mencionamos a vida de Jesus que começou numa gruta, em Belém, continuou numa oficina, em Nazaré, e desenvolveu-se em público na terra de Israel, por três anos até acabar no mistério pascal da sua morte e ressurreição. A vitalidade das comunidades cristãs não provinha do saudosismo pelo Cristo ausente, mas da intervenção do Cristo Ressuscitado na pregação apostólica. Os sucessores de Cristo foram os apóstolos. Eram meros pescadores sem estarem à altura de sua tarefa, alguns fracos na fé, e outros fugitivos, no momento decisivo. A instituição



dos diáconos foi providencial na expansão do cristianismo. A comunidade cristã inicialmente consistia de pobres e de gente sem projeção social. O lugar de procedência era a Palestina, apagada província do Império Romano. Apesar disso, a mensagem cristã conquistou o mundo inteiro, a ponto de a Igreja tornar-se uma instituição de âmbito mundial. Irromperam perseguições externas e conflitos internos, mas não conseguiram estiolar a vitalidade da Igreja, porque sua força vital é o próprio Cristo, que a transmite a nós, pela vida sacramental e pela oração.

Os critérios de seleção dos recursos que ajudam à expansão da Igreja são o método de inculturação dos temas da fé na mentalidade dos adolescentes e os meios da comunicação social bem como as atividades da Pastoral de Conjunto, com a força do Espírito Santo. É importante lembrar também que os destinatários da evangelização eram os pobres²⁴, que, por sua vez, assumiram a nobre tarefa de portadores dos dons salvíficos para os diversos grupos sociais em áreas urbanas e rurais. Em contato com o lavrador, com o marginalizado, ou com o assalariado, com todos aqueles que, de forma direta e indireta, estavam lutando pela subsistência e necessitavam de um contexto comunitário e ambiental propício para passar de uma sociedade menos humana, a uma sociedade mais humana, conseguiram realizá-lo com a ajuda de Deus, que somente uma *religião de salvação*, como a Igreja, sabe proporcionar aos seus fiéis²⁵. Tratando-se de transmitir a vivência religiosa, lembremos o processo de reflexão a ser adotado, começando com a partilha da experiência, continuando com a explicação e instrução, e a abertura ao diálogo.

Em retrospecto sobre o procedimento das lideranças da Igreja, em situação de minoria, em meio à maioria de adeptos de outras religiões, convém assinalar a seguinte estratégia: 1º abster-se do idealismo de fanáticos religiosos em luta aberta contra outras religiões; 2º evitar o

²⁴ Foi São Lucas que salientou a ação dos pobres no início do cristianismo. O motivo era a opinião divulgada na Antiguidade de que com os pobres não se faz um povo, porque eram excluídos da sociedade. Porém, S. Lucas menciona-os no cristianismo porque d'ora em diante serão eles os protagonistas que levarão a civilização para outros povos.

²⁵ Diversos tipos de religião: 1º *religiões de integração* (povos primitivos, siberianos, ameríndios, indígenas brasileiros, oceânicos, australianos, africanos); 2º *religiões de servidão* (antigo Egito, Mesopotâmia, indo-europeus: celtas, eslavos, germanos, gregos, romanos, semitas: cananeus, antiga China, Japão, astecas, mayas, incas); 3º *religiões de libertação* (de Mani, gnosticismo, antiga Índia, hinduísmo, budismo, jainismo, budismo chinês, budismo japonês, budismo tibetano, confucionismo); 4º *religiões de salvação* (masdeísmo, de Israel, cristã, islamismo). Cf. W. O. Piazza, *Religiões da Humanidade*, Ed. Loyola, S.Paulo, 2a. ed., 1991.



radicalismo contra os pecados públicos dos próprios cristãos; 3º repudiar o conformismo em situações conflitantes (p.ex. resignação fatalista diante de escândalos de líderes cristãos ou tolerância conivente diante de perversidades); 4º lutar contra o indiferentismo de quem não dá a mínima pelos acontecimentos na Igreja.

A implicação das atividades dos diáconos na vanguarda da Igreja é, hoje em dia, a espiritualidade ecumênica. Houve um distanciamento da atitude de defesa da Igreja da tradição, contra o protestantismo como comunidade da Bíblia, ou contra os movimentos de crentes como dissidentes, ou então, contra os espíritas e mórmons, professando crenças espúrias. Os católicos adotaram o diálogo inter-religioso com os adeptos de confissões diversas, sem contrapor o catolicismo como Igreja dos sacramentos e da hierarquia, mas promovendo uma eclesiologia, cujo centro é a pessoa de Jesus Cristo como divino Mestre, rodeado de discípulos, que no mundo secularizado testemunham sua fé em Deus, pelo seguimento de Cristo, e por uma religião ética, capaz de transformar as estruturas.

Conclusão

A importância fundamental das religiões é a relação com o Deus da revelação e não da intuição humana, interpretando o fenômeno religioso assim como foi visto desde a Antiguidade até hoje. Inúmeras foram as abordagens elencadas na história das interpretações da religiosidade dos povos, como foi examinado pelos filósofos, pelos teólogos, pelos historiadores, pelos sociólogos, pelos fenomenólogos, pelos mitógrafos, pelos gurus ou místicos espiritualizantes da Índia, que projetaram suas idéias esotéricas sobre a experiência religiosa para uma suposta divindade, com o intuito de fundamentar um movimento de religiosidade espúria, visando aliciar os interessados em busca de uma religião de higiene da alma ou uma terapia espiritual²⁶. Entretanto, entre a grande diversidade de abordagens, seja a partir do mero raciocínio, como os pensadores, procurando entender a idéia de Deus, seja por impulso da oração pessoal e da adoração fervorosa, pela qual o homem de fé se relaciona com o Ser Absoluto Pessoal, não podemos subestimar a validade de nenhuma

²⁶ É importante ressaltar o fato de que os movimentos de religiosidade hoje em dia como também as religiões asiáticas e o cristianismo não têm um denominador comum e por isso não se podem equiparar mutuamente, porque diferem fundamentalmente num princípio essencial, já que as religiões asiáticas estão baseadas num pessimismo radical que está eivando todos os valores religiosos, e impregnando todas as dimensões conscientes e inconscientes, instintivas e volitivas, racionais e afetivas da pessoa humana.



das vias de acesso ao Deus transcendente por serem, ao mesmo tempo, caminhos pelos quais Deus vem ao nosso encontro.

A questão de relevância para os diáconos é achar o meio mais eficaz para levar as pessoas a Deus. Trata-se da aplicação de meios pedagógicos e diálogos informais, sobre o ensino de matérias de religião e formação humana, visando elevar o nível da cultura, com base nas convicções dos cidadãos, em busca de crescimento nas qualidades pessoais, e aperfeiçoamento dos talentos e dotes de personalidade, à luz da revelação divina. Aliás, para início de uma programação de atividades pastorais, entra em pauta também sua conexão com a promoção humana, estimulando a conquista da cidadania e da participação na sociedade. Em retrospecto sobre a extraordinária riqueza de temas desenvolvidos nos livros bíblicos, temos que fazer jus à inspiração dos autores sacros em centrar a atenção nos ensinamentos, para encontrar o resultado de uma interioridade religiosa, e divulgá-la entre os diversos estados de vida, para fomentar com novos impulsos a vida espiritual na Igreja.

Seu alcance é, porém, muito mais amplo porque oferece um variado leque de dimensões da espiritualidade bíblica em benefício da vivência da fé cristã. Por isso, a melhor contribuição da religião bíblica é proporcionar os elementos da revelação divina às equipes de formação religiosa, fornecendo os temas fundamentais, como também os métodos da inculturação dos temas da fé cristã na mentalidade dos jovens e adultos. O fator determinante é a ação do Espírito Santo atuante de forma contínua e eficaz nos membros da comunidade de fé, e não os modismos ou contra-valores da modernidade querendo impor seus padrões à sociedade. É que o influxo da graça divina é por demais valioso, para deixar-se suplantar por quaisquer ideologias em voga. Importa, porém, despertar iniciativas eficazes que dêem continuidade às obras de pastoral, e fazer que respondam aos desafios e necessidades da nova situação. Excrescências que embaçam e deformam os objetivos das atividades pastorais de Igreja têm que ser depuradas, para que todos possam descobrir, em toda a sua pujança e vigor, a vivência da fé cristã original.

Endereço do Autor:

E-mail: peluis@colegiocatarinense.g12.br